

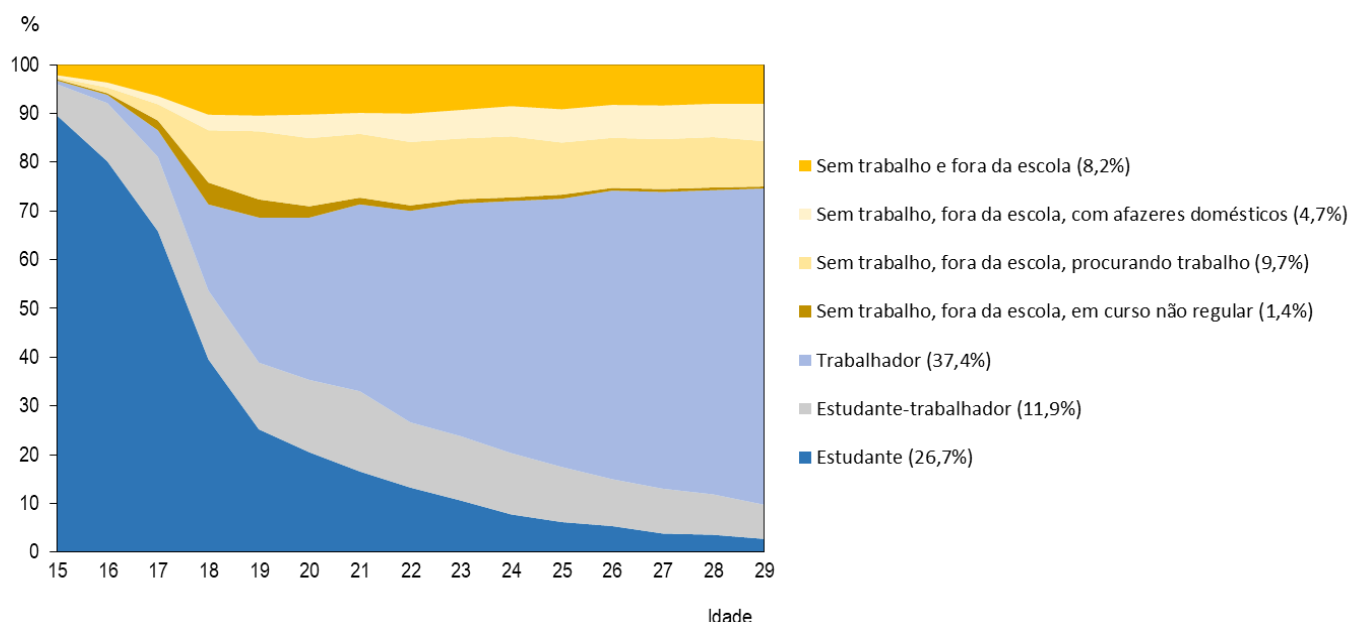
# boletim EMPREGO em pauta

## Nem-nem ou sem-sem? Jovens querem trabalhar, mas não têm oportunidades no mercado

No 3º trimestre de 2018, dos 47,4 milhões de jovens de 15 a 29 anos, estima-se que mais de 11 milhões (24%) estavam sem trabalho e fora da escola, os chamados nem-nem (Gráfico 1). Mas por que eles estavam nessa situação? Faz sentido chamá-los de nem-nem?

### De estudante a trabalhador

Como os jovens de 15 a 29 anos estão distribuídos entre as diferentes formas de atividade em cada período da vida?



Fonte: IBGE. Pnad Contínua 3º trimestre de 2018. Elaboração: DIEESE

## Os jovens não estão parados

A maior parte dos chamados nem-nem não está na ociosidade. Na verdade, está procurando trabalho, lidando com afazeres domésticos (casa, filhos ou parentes) ou realizando cursos não regulares. **Apenas 8% dos jovens não estavam envolvidos nessas atividades** (Gráfico 1).

A ideia de que os jovens estão nessa situação por falta de vontade de trabalhar ou de estudar não se aplica na maior parte dos casos<sup>1</sup>. Há evidências de que, em geral, esta é uma condição transitória. Algumas estatísticas sobre o 3º trimestre de 2018 mostram essa realidade:

- Apenas 5% dos jovens disseram que realmente não queriam trabalhar.
- 41% dos jovens sem trabalho e fora da escola tinham procurado ativamente trabalho no mês em que foram entrevistados pelo IBGE.
- 31% das mulheres disseram que não podiam trabalhar porque tinham que cuidar de afazeres domésticos – ou seja, na verdade, elas estavam trabalhando, sem ser consideradas na força de trabalho.
- 6% dos jovens sem trabalho e fora da escola faziam algum tipo de curso ou estudavam por conta própria.

É preciso considerar que boa parte desse grupo populacional sem trabalho e fora da escola está em um período de transição entre essas duas etapas, de estudo e de trabalho - momento em que se deparam, ao entrar no mercado de trabalho, com elevada instabilidade.

---

***Cerca de um quarto (24%) dos jovens considerados nem-nem no segundo trimestre de 2018 não estavam mais nessa situação no trimestre seguinte, a maioria porque começou a trabalhar (Gráfico 2). Se levado em conta um período maior, a porcentagem de jovens que fica sem trabalho e fora da escola por quatro trimestres seguidos<sup>2</sup> cai pela metade: de 24% vai para 12% (5,7 milhões)<sup>3</sup>.***

---

<sup>1</sup> Estudo recente lançado pelo BID, “Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar” também confirma isso. Os dados sobre o Brasil são mostrados a partir da p. 104.

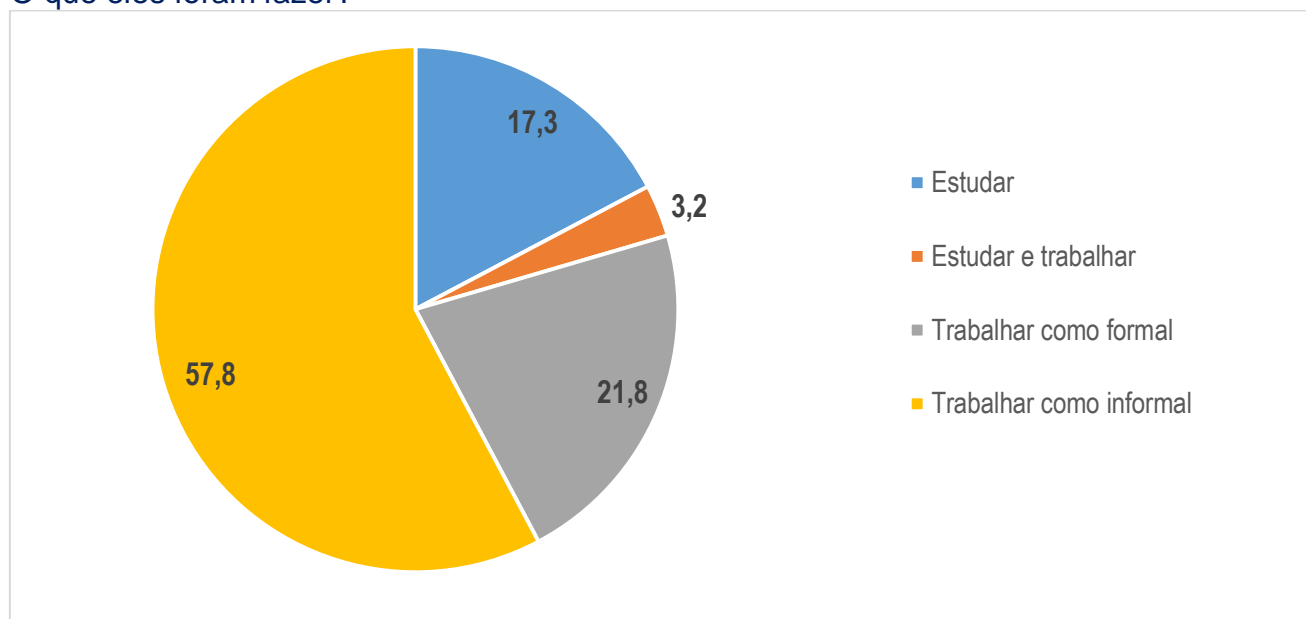
Disponível em: <https://www.iadb.org/es/millennials/home>.

<sup>2</sup> Foram pesquisados os mesmos jovens no período de um ano, entre o 4º trimestre de 2017 e o 3º trimestre de 2018. A comparação é feita com os 11,4 milhões (24%) de jovens sem trabalho e fora da escola no 3º trimestre de 2018.

<sup>3</sup> Esse número provavelmente é ainda menor, já que pesquisas domiciliares, como a Pnad, do IBGE, superestimam o número de pessoas não ocupadas, além de considerar apenas a procura de trabalho no mês em que a pesquisa é realizada e não em todos os 12 meses do ano.

## Um quarto dos jovens sem trabalho e fora da escola no 2º trimestre de 2018 mudou de situação no trimestre seguinte

O que eles foram fazer?



Fonte: IBGE. Pnad Contínua - 2º e 3º trimestres de 2018. Obs.: Foram considerados os jovens entre 15 e 29 anos

## Oportunidades desiguais na saída do ensino médio

Todo ano, aproximadamente 2 milhões de jovens concluem o ensino médio. Para muitos, essa etapa marca a entrada definitiva no mercado de trabalho – uns como trabalhadores, outros em busca de trabalho. Alguns continuam os estudos no nível superior ou se preparam para prestar o vestibular. Dos jovens que estavam no 3º ano do ensino médio em 2017, cerca de um terço (36%) não trabalhava ou estudava no ensino regular no início de 2018.

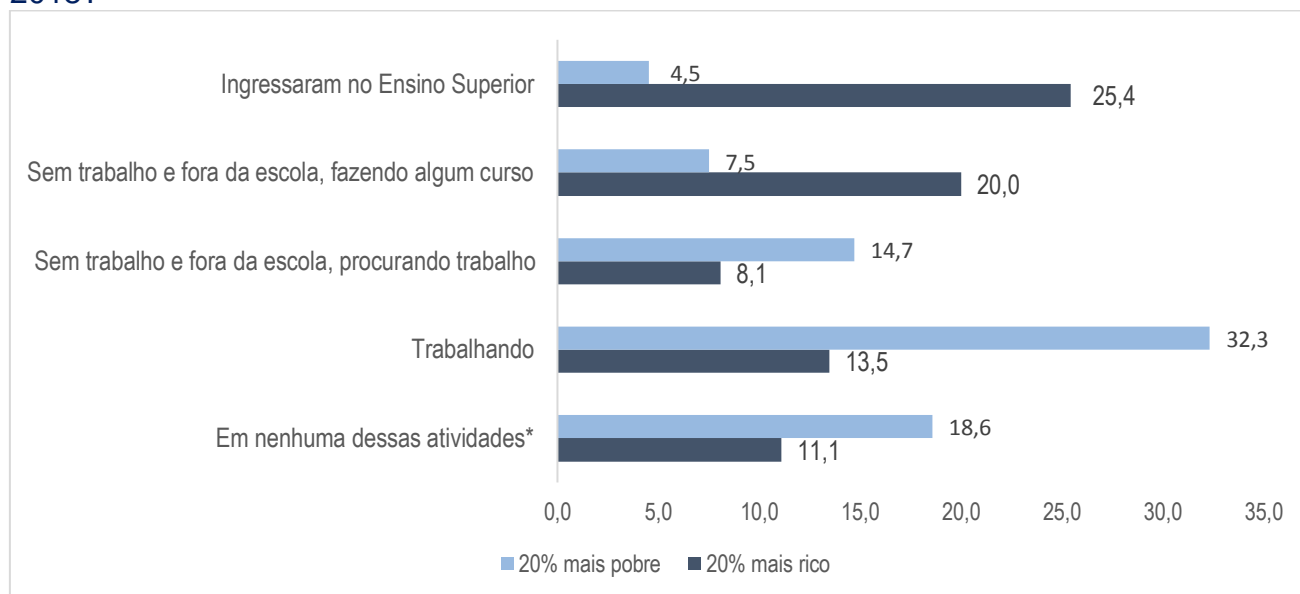
As perspectivas de trabalho e estudo dos jovens têm estreita relação com a origem socioeconômica deles.

Considerando os jovens que terminaram o ensino médio em 2017 e que ficaram sem trabalho e fora da escola no começo de 2018, nos lares mais ricos, a maior parte realizava algum tipo de curso (preparatório, pré-vestibular etc.). Já entre aqueles de domicílios mais pobres, era mais comum encontrar quem estivesse procurando trabalho.

**Os jovens em domicílios com melhores condições socioeconômicas têm mais chances de continuar estudando após o ensino médio.** Enquanto 25% dos egressos do ensino médio em 2017 e de lares mais ricos foram para o ensino superior em 2018, apenas 5% dos jovens de domicílios mais pobres seguiram esse caminho. Mesmo entre os que não trabalhavam ou estudavam naquele momento, no grupo de jovens mais ricos, 20% estavam empenhados em algum outro tipo de curso. Nos pertencentes aos lares mais pobres, apenas 8% estavam nessa situação.

## Diferentes origens, diferentes perspectivas

O que os jovens que estavam saindo do Ensino Médio em 2017 estavam fazendo em 2018?



Fonte: IBGE. Pnad Contínua – situação no 3º trimestre de 2018. Elaboração: DIEESE

Nota: \* Não inclui quem estava na escola em modalidades diferentes do ensino superior e nem aqueles que realizavam afazeres domésticos

Obs.: Os indicadores não somam 100% porque as mesmas pessoas podem estar envolvidas em mais uma atividade e também porque não foram considerados os estudantes que não estavam no ensino superior

**Os jovens que terminavam o ensino médio e pertenciam às famílias de renda menor estavam mais empenhados na busca de emprego do que aqueles de famílias com maiores rendimentos.** Praticamente metade dos que estavam no 3º ano do ensino médio em 2017 participava do mercado de trabalho no primeiro trimestre de 2018. No entanto, enquanto 32% estavam trabalhando, 15% estavam sem trabalho, fora da escola, mas *procurando ativamente algum trabalho*. Já entre os jovens de lares mais ricos, os percentuais eram inferiores: 13% e 8%, respectivamente.

Os jovens de lares mais pobres têm menos oportunidades de continuar os estudos. Com isso, são impelidos a entrar no mercado de trabalho. Mas eles também enfrentam problemas nessa empreitada, já que se deparam com dificuldades para conseguir e manter um trabalho. Essas diferenças explicam, pelo menos em parte, a razão pela qual havia mais jovens sem trabalhar e fora da escola, entre os que estavam terminando o ensino médio. Ou seja, as origens socioeconômicas dos jovens determinam as chances de matrícula no ensino superior e de conquista de trabalho.

## Nem-nem ou sem-sem?

O problema não são os jovens. Chamá-los de nem-nem traz a falsa sensação de que são eles os responsáveis por uma situação de inatividade que nem mesmo é real, já que **a maioria não**

**está parada:** está procurando trabalho, dedicando-se a algum tipo de curso não regular ou cuidando dos afazeres domésticos.

**Ficar sem trabalho e fora da escola é, em geral, uma situação transitória ou eventual** e acontece porque os jovens estão mais propensos a aceitar postos de trabalho precários, sem estabilidade e com alta rotatividade da mão de obra. Eles nem trabalham nem estudam porque, muitas vezes, não há vagas de trabalho disponíveis nem oportunidades para a continuação no sistema educacional - em especial no ensino superior, ainda inacessível para boa parte da população. Muitos enfrentam a falta de recursos financeiros para estudar e até mesmo para procurar trabalho.

As oportunidades de estudo e trabalho não são as mesmas para jovens de origens diferentes. **Aqueles de lares mais pobres chegam ao fim do ensino médio com um leque mais estreito de oportunidades** e enfrentam dificuldades na transição escola-trabalho.

Aumentar a oferta de cursos profissionalizantes não é uma medida suficiente, já que o mercado não é capaz de absorver toda mão de obra qualificada<sup>4</sup>. Tampouco funcionam soluções como as propostas pela Reforma Trabalhista, que criou modalidades de trabalho com menos direitos e menor estabilidade – como o contrato intermitente e a jornada parcial. Em vez de resolver o problema, esse tipo de contrato cria vagas de curta duração, o que pode jogar os jovens continuamente de volta para a condição de desemprego.

A situação da juventude reflete, portanto, a falta de oportunidades e a desigualdade. A solução, muito mais do que uma responsabilidade individual, está na retomada do crescimento da atividade econômica e na valorização de políticas públicas de emprego que promovam trabalhos formais e estáveis; e de educação, visando ao acesso e à permanência dos jovens na escola, levando em consideração a realidade dessa população.



Rua Aurora, 957 – 1º andar  
CEP 05001-900 São Paulo, SP  
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394  
[www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br)

**Presidente: Bernardino Jesus de Brito** - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

**Vice-presidente: Raquel Kacelnikas** - Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região – SP

**Secretário Nacional: Nelsi Rodrigues da Silva** - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

**Equipe responsável:** Gustavo Monteiro, César Andaku, Camila Ikuta, Angela Tepassê, Leandro Horie

---

<sup>4</sup> Ver Nota Técnica nº199 do DIEESE, disponível em:  
<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2018/notaTec199qualificacaoProfissional.html>